

Serra: “Tiramos o pé do freio”

por Sandra Gomide
de São Paulo

O ministro do Planejamento, José Serra, disse ontem, em São Paulo, que as medidas que o governo adotou recentemente para afrouxar a política monetária, como a redução do compulsório dos bancos e das taxas de juro, deverão surtir efeitos na economia até o final deste ano. Somada ao tradicional crescimento das vendas no Natal, a flexibilização do crédito pode melhorar o nível da demanda interna do País e, com isso, inibir a crescente onda de desemprego no comércio e na indústria (ver matéria abaixo).

Serra reafirmou a posição da equipe econômica de que as medidas de contenção do consumo, iniciadas em maio, fazem parte do passado. “Já tiramos o pé do freio”, disse o

ministro, referindo-se à disposição do governo de não desacelerar ainda mais a taxa de crescimento para este ano. Há duas semanas, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, havia dito que “o pior já passou”, quando questionado sobre o destino das taxas de juro. O quadro atual, porém, ainda é preocupante. As demissões na indústria paulista em agosto bateram o recorde desde janeiro de 1991, com 57,6 mil dispensas no setor (ver matéria nesta página).

Apesar da pressão de setores mais afetados pela política monetária restritiva dos últimos meses (como automobilístico e têxtil), Serra lembrou que esse quadro não é generalizado para toda a economia. “Com exceção dos bens de consumo duráveis, há quem tenha se beneficiado pelo aumento da renda da po-

pulação mais pobre após a adoção da nova moeda. Estamos monitorando a situação para impedir que o desemprego se alastre”, disse o ministro. Durante a palestra que realizou à tarde na Associação Comercial de São Paulo, Serra enfatizou a intenção do governo de formar parcerias com os estados e municípios para conseguir fazer investimentos básicos, como educação, estradas e saúde. “Eles, sozinhos, investem mais em obras sociais e de infra-estrutura do que a União”, comparou o ministro.

Segundo ele, além de manter a estabilidade dos preços internos e alcançar o equilíbrio da balança de pagamentos neste ano, outra questão básica para a continuidade do Plano Real é atrair capital externo e ampliar as taxas de investimen-



José Serra

tos na produção. Serra afirmou que desde a criação do real houve aumento de 2 pontos percentuais na participação dos investimentos no Produto Interno Bruto (PIB). “Isso dá algo entre US\$ 2 bilhões”, disse o ministro.

Apesar das dificuldades que os estados vêm encon-

trando para fechar as parcerias de novos investimentos com a iniciativa privada, Serra disse que o governo está otimista com relação à participação das empresas nacionais e estrangeiras nos projetos previstos no Programa Plurianual, lançado na semana passada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso.

Ele citou como exemplo de bom andamento das negociações iniciais uma reunião que teve com empresários, também na última semana, para a privatização de dois trechos de ferrovias da Rede Ferroviária Federal, ambos no interior paulista. “Há muitos interessados. Falta apenas reafirmar a estabilidade das regras econômicas para o futuro”, disse Serra.